



O oftalmologista Cristiano Miziara com a esposa, Maria Helena, e os filhos, Lucas, Felipe e Caio

BAÚ DE MEMÓRIAS

Duas linhagens libanesas se encontraram e se uniram em Uberaba, no início do século passado, formando uma das grandes famílias responsáveis pelo progresso da cidade. A partir do relato de um membro desse clã poderoso e atuante, o médico Cristiano Miziara, pode-se traçar a história dos Frange - originários de Zgharta - e dos Miziara - que adotaram o nome da cidade localizada ao norte do Líbano

Com o orgulho de mostrar a trajetória dos primeiros imigrantes libaneses, no Brasil, no final da última década do século 19, durante o “boom” da migração, podemos dizer, com todo respeito, que pertencemos

a duas famílias tradicionais e importantes no Líbano e, também, que se tornaram importantes e tradicionais aqui, pelo que fizeram ao longo de suas vidas. Pelo lado materno, são os Frange (no Líbano, Frangieh) de Zgharta, extremamente políticos como veremos adiante. Aportando no Rio de Janeiro vieram para Uberaba onde se radicaram, formando uma grande e respeitada família. Entre seus membros, destacamos entre outros, dois expoentes que participaram ativamente, influenciando, para o bem, a história da cidade em que viviam. O primeiro, dr. Jorge Frange, ainda lembrado como um dos maiores médicos de Uberaba e, também, grande líder político que tinha o dom de equilibrar os debates com seu senso apaziguador. Seguindo a tradição familiar que veio do Líbano, de se envolver politicamente na sociedade, como seus parentes que lá ficaram e se tornaram presidente, como Sleiman Frangieh (1970-1976), deputado, como Tony Frangieh e muitos outros, foi candidato a prefeito de Uberaba, perdendo por uma pequena margem de votos, mas nunca se abateu e continuou a sua luta política e médica para o bem de seus conterrâneos até o fim da vida, ocupando outros cargos em Asilos, Santa Casa de Misericórdia, Sociedade de Medicina e Cirurgia de Uberaba, diretor do Jockey Club de Uberaba, sócio fundador da Rádio Sociedade Triângulo Mineiro, a quarta a ser fundada no país, dos Laticínios Triângulo Ltda e do Hospital Santa Rita hoje Hospital São José em 1932 e inspetor do Ensino Secundário (alto cargo no funcionalismo federal). Teve um filho, também médico, com nome extremamente respeitado e admirado durante toda a sua vida: dr. Frederico Alonso Frange. Isso posso atestar pois convivi social e profissionalmente com ele por muitos anos. Ele, também político, foi vice-prefeito em Uberaba na década de 1980. Como mais um exemplo de político na família temos, um primo, sobrinho de dr. Jorge, chamado dr. Paulo Jesus Frange, médico,



Rosa Frange com os filhos, Olga e Neif, em pé. Mais à frente, Esmeralda com Maria no colo e Dalva, à direita

que é, pela quinta vez consecutiva, vereador na cidade de São Paulo. Imaginem, saiu de Uberaba e venceu, politicamente, na maior cidade do Brasil. Em Zgharta, por todos os lados que olhamos, vemos letrados comerciais com o nome Frangieh, onde podemos notar que, ainda hoje, a família tem grande influência, também, no comércio.

O segundo, Felício Frange, meu avô e irmão de dr. Jorge, é ainda lembrado, 50 anos após a sua morte, como um dos maiores beneméritos da história de Uberaba. Foi um gigante, literalmente, no ramo em que atuava pelo tamanho e volume de negócios e na bondade com que distribuía seus lucros. Foi o maior marchante de gado de Uberaba e região e nas décadas de 1940 a 1960 foi o único, repito, o único que abasteceu toda a população da cidade com carne de gado e de porco e, por tudo isso, era o maior contribuinte dos cofres públicos, conforme matéria publicado no jornal “Lavoura e Comércio” no dia 6 de julho de 1940. Os comerciantes de carne

“Felício Frange foi um homem memorável. Ele abatia o gado, e partia em direção aos açougues para a distribuição da carne, mas antes passava por asilos, creches, instituto de cegos etc. onde deixava a quantidade necessária para cada um”



Jorge Frange e Felício Frange

do mercado tinham livre acesso ao Matadouro Municipal, mas preferiam receber a carne das mãos do sr. Felício, que era, comprovadamente, um negociante honesto e benquisto, oferecendo produtos de qualidade a preços acessíveis.

Felício Frange foi, também, um homem memorável, um cidadão exemplar. Ele abatia o gado, às segundas, quartas e sextas feiras e, logo após, partia em direção aos açougues para a distribuição da carne, mas antes passava por asilos, creches, instituto de cegos, etc... onde deixava a quantidade necessária de cada um. Esse compromisso, ou melhor, essa obrigação a que ele se propôs não tinha nenhum contrato firmado entre as partes, como também não tinha nenhum

pedido por parte das entidades. Fazia isso porque achava que devia fazê-lo. Após todo esse ritual retornava para casa, tomava um banho e almoçava por volta de 10h30, 11h00 da manhã, almoço esse que era feito em grande quantidade pois ele criou o hábito, entre as pessoas pobres do bairro de, diariamente, irem lá pedir um prato de comida que jamais foi recusado. A maioria levava uma pequena sacola onde ele, pessoalmente, através da janela, colocava um pedaço de carne para a família do mendigo. Essa passagem que eu vivenciei, quando criança, nunca me saiu da memória. Em 1948 ele e sua filha Esmeralda, que sempre esteve à frente das iniciativas sociais, fizeram parte dos fundadores da Sociedade de Assistência aos Lázaros. E tenho certeza que toda a Uberaba chorou com sua morte. Morte de uma das maiores beneméritos dessa cidade, um homem que tinha uma estatura moral como poucos que já vi.

Temos que fazer justiça, não esquecendo de falar de sua esposa e companheira de toda a sua vida: Rosa, uma libanesa que chegou ao Rio de Janeiro em 1913, em Uberaba em 1916 e lhe deu seis filhos, Esmeralda, José, Neif, Olga, Dalva, minha mãe e Maria. Tinha grande devoção a ele e seus descendentes. Em tudo o ajudou e sempre o apoiou em suas obras. Ela nunca perdeu o sotaque da língua pátria e sempre nos dizia: tem duas palavras que não consigo falar: “bassora” (vassoura) e “manjoca” (mandioca). Nas palavras de sua neta Olga Maria Frange, hoje uma grande pianista, maestrina e escritora que está escrevendo um livro sobre “Os Pioneiros da Música em Uberaba”, de 1815 até o final do século 20, “Ele tinha um temperamento solar, brilhante, barulhento e invasivo e ela, Rosa, era lunar e se colocava sob uma luz diáfana e noturna em relação ao astro-rei. Assim eles se completavam”. ■



No hall da entrada da prefeitura de Miziara, a placa alusiva ao primeiro emigrante libanês no Brasil, José Mussi. Os irmãos, Dalva Maria, Cristiano, Tereza Cristina e Regina Lucia Miziara

Antes de fugir dos turcos, os moradores combinaram que para onde quer que fossem passariam a assinar Miziara, em homenagem à terra natal e para que quando se encontrassem, em qualquer lugar do mundo, saberiam quem eram

O outro ramo da família, agora pelo lado paterno, não menos importante e tradicional é o dos Miziara, sobrenome esse que não é o de batismo e cuja emigração ocorreu de modo diferente às de outras cidades, pois foi um pouco mais traumático e mais doído. Miziara era, como ainda é hoje, uma pacata aldeia situada nas montanhas, 800 m acima do nível do mar, no norte do Líbano, habitada por um povo que levava a vida tranquilamente, meio isolados do restante do país. Segundo o seu atual prefeito, Marun Dina, é a aldeia mais rica do país, graças à diáspora que se iniciou em 1880, coincidindo com o início oficial da emigração para o Brasil pois, após se estabelecerem em suas novas pátrias, passaram a

enviar dinheiro aos que lá ficaram, propiciando um grande desenvolvimento. Diáspora, é a dispersão de um povo por perseguição política ou religiosa. Quatro anos antes, em 1876, D. Pedro 2 foi lá, pessoalmente, convidá-los à imigração.

O que precipitou a emigração dos habitantes de Miziara foram dois fatores: a dificuldade de trabalho em um país pequeno com uma população relativamente grande. Em 1516, os turcos otomanos invadiram e dominaram, com mão de ferro, o território libanês por 402 anos, até o fim da primeira guerra mundial. Eles não toleravam a menor tentativa de insurreição e os revoltosos eram mortos sumariamente, juntamente com suas famílias para servir de exemplo. O país era muito pequeno, não tinha exército e o povo começou a passar as maiores privações, principalmente fome, e as revoltas eram



O casamento de Jorge Miguel Miziara e Dalva Frange, no ano de 1951

saberiam quem eram pois tinham certeza que, provavelmente, jamais voltariam para lá. Realmente isso aconteceu e acredito que os poucos imigrantes e fugitivos que lá voltaram foram apenas para rever os amigos e familiares. Como já tinham constituído e criado família aqui, não tinham condição de lá permanecerem, levando no coração apenas a saudade que jamais termina.

Os primeiros que vieram, ainda estavam sob o domínio turco e por isso constava em seus passaportes a nacionalidade turca e, por pura ignorância da história, os brasileiros, até hoje, os chamam, pejorativamente, de turcos. Portanto, nem todo Miziara, no Brasil, é parente. São apenas de Miziara. A ligação do Líbano e a cidade de Miziara em particular, com o Brasil é muito grande, tanto que lá o time de sua preferência é a Seleção Brasileira e uma vitória dela, com quem quer que seja, é comemorada com muita festa. A sede da Prefeitura de Miziara é na casa onde nasceu o primeiro emigrante para o Brasil. Na entrada principal, há uma placa com os seguintes dizeres: “Nesse lugar, nessa humilde casa, nasceu Youssef Mussi, em Miziara, no ano 1855. Foi o primeiro libanês que emigrou para as terras do Brasil em 1880”. Este imigrante foi para São José do Rio Preto, onde seus descendentes ainda vivem sendo que um deles, José Miguel Mussi, casou-se com Teresa Cristina Frange Miziara, minha irmã, nascida em Uberaba (MG).

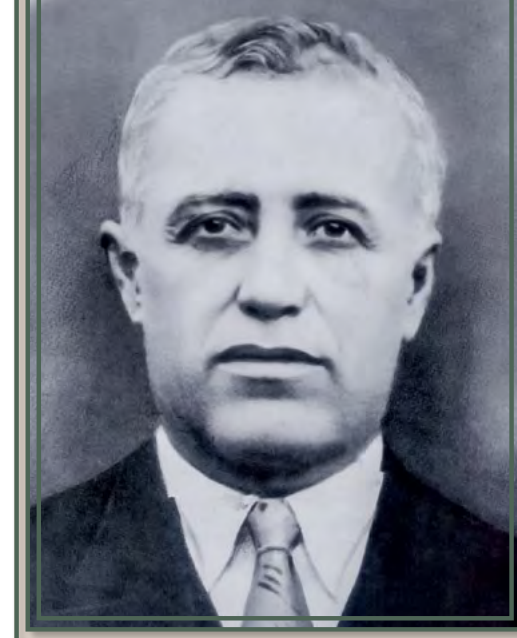
Durante essa onda migratória chegaram ao Brasil, quatro integrantes da família Mekdesse ou Mocdisse, Calil, Jorge Miguel, Miguel Jorge e Gabriel (estes, os nomes aqui adotados). O quinto irmão, Felício, não veio, mas mandou os filhos que foram criados pelos tios. Aqui chegando, se dispersaram pelo país: Calil foi inicialmente para São Paulo e, posteriormente, para Frutal (MG). Jorge Miguel foi para Uberaba (MG), Miguel Jorge, para Areias, hoje é Comendador Gomes (MG) e Gabriel, para São José do Rio Preto (SP), locais onde cada um deles constituiu um núcleo familiar que por sua vez foi se ramificando e se espalhando pelo Brasil, de norte a sul. Hoje devem ter em torno de 1500 a 2000 descendentes dos 5 imigrantes que já se espalharam para diversos países, por exemplo, Suécia, Canadá, França, Estados Unidos, etc... O sobrenome Mekdesse ou Mocdisse, praticamente desapareceu pois quase todos o suprimiram e colocaram Miziara em seu lugar. Pouquíssimos o mantiveram como

Mocdisse Miziara (em Barretos), mas, com certeza, não passará da 3ª geração.

Em junho de 1901, chegou ao Brasil, Nakul Mekdesse Yunes, filho de Jorge Miguel Miziara, aos 18 anos de idade, vindo do Líbano onde era sapateiro e professor pelo mesmo motivo de seus conterrâneos: procurar melhores condições de trabalho. Aqui chegando foi morar com o pai e mudou seu nome para Miguel Jorge Sobrinho, por quem tinha muita amizade e admiração. Aqui estabelecido e rendendo-se ao instinto comerciante, dedicou-se ao comércio da pecuária, viajando a cavalo pelo município comprando e vendendo gado. Em 1906, trouxe suas três irmãs, Uarda (Rosa), Haua e Dauha para o Brasil, após a morte de sua mãe no Líbano. Em 1910, casou-se com uma prima em primeiro grau, Santinha Calil Miziara, residente em São Paulo e filha de seu tio Calil e tiveram 12 filhos. Aliás todos eles tiveram uma grande prole. Calil, três no primeiro casamento em São Paulo e sete no segundo em Frutal, Gabriel, 10 filhos, Miguel, quatro e Felício três.

Entre os filhos de Miguel Jorge Sobrinho está meu pai, Jorge Miguel Miziara assim batizado em homenagem a seu avô que falecera poucos meses antes. Casou-se com Dalva, filha de Felício Frange e tiveram quatro filhos: Cristiano Jorge, casado com Maria Helena morando em Uberaba, Teresa Cristina casada com José Miguel Mussi, bisneto do primeiro imigrante libanês para o Brasil, morando em Fernandópolis (SP), Regina Lúcia casada com Vilmar Marçal de Oliveira, morando em Maringá (PR) e Dalva Maria casada com Eduardo Deodato de Oliveira, morando em Uberaba. Precocemente, Miguel Jorge tornou-se um excelente e honrado comerciante, ético nos negócios e em suas atitudes. Participou ativamente da vida social uberabense e foi um dos que encabeçou e bancou a luta para trazer a energia elétrica em 1905, quatro anos e meio após sua chegada, aos 23 anos de idade. Em 1924 construiu um casarão que, ainda hoje, se impõe pela beleza e tamanho, com água encanada de cisterna e esgoto, o que, na época, era um luxo para poucos. Foi um homem muito religioso e sempre solícito para com as necessidades dos pobres, procedimento seguido também por sua esposa que continuou a campanha de doação de alimentos, após a morte dele que ocorreu em 7 de janeiro de 1935.

Infelizmente não tive o prazer de conviver com ele, mas todos que o conheceram são unânimes em



Miguel Jorge Sobrinho e Santinha Calil Miziara

cada vez mais frequentes, até que chegou a vez dos habitantes de Miziara aderirem a elas. Um dia chegou a notícia que o exército otomano encaminhava-se para lá. Foi um alvoroço geral, pois sabiam que não tinham a menor chance de enfrentá-lo, ele que era um dos exércitos mais poderosos do mundo, na época.

Com certeza, o resultado seria o extermínio da maior parte de seus habitantes. Imediatamente, os rebeldes prepararam-se para a fuga, alguns levando a família, outros não. Cada um foi para o país que achou melhor sendo que grande parte veio para o Brasil.

Segundo relatos, durante a viagem o navio fez escala na Nigéria, para abastecimento, e parte dos passageiros ficou lá pensando que já tivessem chegado ao Brasil. Os outros continuaram aqui chegando e se estabelecendo. Durante os preparativos para a fuga, eles combinaram que para onde quer que fossem passariam a assinar Miziara, primeiro em homenagem à terra natal e segundo, para que quando se encontrassem, em qualquer lugar do mundo,

afirmar que Miguel Jorge Sobrinho foi um homem digno que passou seu exemplo aos filhos e netos. Além disso foi um homem que sempre dispensou atenção aos mais necessitados, que nunca pensou em guardar apenas para si todo o dinheiro que ganhou com o suor honesto, ao longo dos 34 anos que viveu no Brasil. O que se ganha com trabalho honesto é sagrado e ele sempre fez da caridade uma rotina em sua vida. Mesmo assim, deixou todos os filhos, sem exceção, bem encaminhados em suas profissões. A todos os libaneses, nossos antepassados e desbravadores do Brasil, nossas homenagens. Ninguém morre enquanto nos lembrarmos dele. ■